

UM BREVE PASSEIO PELA ÉPICA DE SOUSÂNDRADE¹

José Neres*

(Academia Maranhense de Letras)



Figura 1 - Composição da mesa-redonda sobre a obra de Sousândrade: José Neres, Luíza Lobo e o mediador Paulo Melo Sousa

Aristóteles, um dos maiores pensadores de todos os tempos, ao voltar-se para os estudos da literatura, em sua Poética, diz que a imitação é “algo natural ao homem desde a infância” e que todas as pessoas acabam tendo prazer em imitar. Dessa forma, as manifestações artísticas estudadas pelo filósofo grego acabam sendo vistas como um reflexo direto desse desejo humano de imitar tanto os elementos da natureza quanto as ações humanas, podendo o tipo de imitação diferir quanto o objeto, o meio ou a maneira, mas sendo sempre um reflexo de algo visto ou pelo menos imaginado.

¹ Palestra proferida no dia 19 de julho de 2018 na abertura do **IV Encontro Nacional da Sociedade de Cultura Latina no Brasil**, no Convento das Mercês, em São Luís do Maranhão.

* JOSÉ NERES é membro efetivo da Academia Maranhense de Letras, membro-convidado da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames), Sócio-correspondente da Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA). Professor, escritor e autor de diversas obras sobre educação e literatura, com ênfase na literatura maranhense.

Ao comentar os aspectos dos poemas épicos, Aristóteles lembra que, na obra de Homero, os interesses do autor de *A Ilíada* e da *Odisseia* recaem na representação de “ações nobres e as de pessoas nobres” (ARISTÓTELES, 1996, p. 34). Partindo-se dos princípios clássicos, em termos gerais e para fins didáticos, é possível considerar a ideia de que “a poesia épica é aquela que narra ações humanas ou divinas, fabulosas ou lendárias, de modo mais ou menos extenso” (MOISÉS, 2008, p. 147).

Nas letras universais, alguns poemas épicos acabaram tornando-se bastante conhecidos, lidos, admirados, revisitados e constantemente revistos, como é o caso de *A Ilíada* e a *Odisseia* (de Homero), *A Eneida* (de Virgílio), *A Divina Comédia* (de Dante Alighieri), *Orlando Furioso* (de Ariosto) *A Canção de Rolando* e *El Cantar de Mio Cid* (ambos de autoria desconhecida), entre outras epopeias. Porém o contato com essas obras acaba vindo mais por outras vias (cinema, televisão, adaptações, quadrinhos, etc.) do que propriamente pela leitura do texto integral. Mas mesmo assim não deixaram de influenciar gerações ao longo dos séculos.

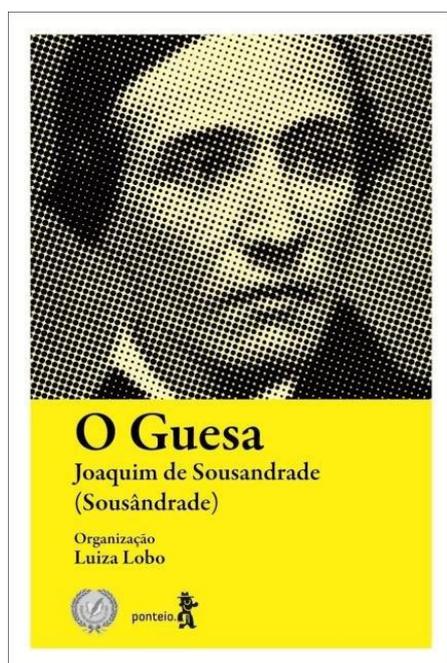


Figura 2 Edição de *O Guesa*, com organização e estudos críticos da professora Luíza Lobo

Nas letras brasileiras, os poemas épicos tiveram seu espaço mais nas páginas da historiografia literária nacional que na preferência dos leitores. Poemas como *Prosopopeia*, de Bento Teixeira; *Caramuru*, de Frei José de Santa Rita Durão; *O Uruguai*, de Basílio da Gama; *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, e *A Invenção de Orpheu*, de Jorge de Lima, são muito mais lembrados nas páginas de livros sobre literatura do que efetivamente lidos e comentados. A essa lista podemos acrescentar *O*

Guesa, de Joaquim de Sousa Andrade, o nosso Sousândrade.

Um dos primeiros desafios que todo estudioso da obra soudrandina encontra é o de onde e como situar esse poeta maranhense na cronologia literária brasileira. Já que, para muitas pessoas, tudo e todos devem ser classificados e colocados em escaninhos compartimentados a fim de depois serem expostos em vitrines. Porém, Sousândrade e muitos outros autores nem sempre aceitam essas imposições. Um homem que tinha a consciência de haver escrito sua obra cinquenta anos antes de seu tempo, que escreveu, corrigiu e reescreveu seu principal poema ao longo de cinco décadas, em busca das melhores soluções possíveis para transformar a imaginação em palavras e que alterava constantemente até a própria assinatura realmente não pode ter seu trabalho facilmente classificado.

Situar a produção poética de Sousândrade dentro de uma linha estético-cronológica das letras brasileiras, conforme foi dito antes, não é uma tarefa fácil nem mesmo para os mais experientes estudiosos do assunto. O professor Rubens Pereira dos Santos, ao tentar organizar os textos do poeta vimarense na cronologia tradicional do romantismo brasileiro, admitiu que:

Assim com Machado de Assis, cuja classificação se tornou muito difícil, dada a diversidade de suas obras e a arguta observação psicológica, Sousândrade pertence cronologicamente à 2ª geração romântica, porém sua obra poética está inserida dentro das características do Ultra-Romantismo. Pode-se considerá-lo da 3ª geração porque o poeta preocupou-se bastante com os problemas sociais. Desde os seus primeiros escritos pregou a necessidade de o Brasil ser uma República. A escravidão também foi alvo de suas críticas. (SANTOS, 1993, p. 62)

Essa mesma opinião é compartilhada pelo professor, historiador e crítico literário Massaud Moisés, para quem “Sousândrade se aproxima antes da terceira que da segunda geração. Não obstante, sua poesia transpira, na altura das *Harpas*

Selvagens, o contágio, ainda que precário, das vertentes do tédio e da desesperação” (MOISÉS, 1989, p. 241).



Figura 3 O poeta Sousândrade.
Fonte da imagem: Internet

Sousândrade passou muito tempo perdido no limbo do esquecimento ao qual tantos importantes intelectuais de nossa pátria ainda estão renegados. Teve momentos de prosperidade, viajou por diversos países, enfrentou dramas familiares, passou por períodos de dificuldades financeiras, teve de metaforicamente alimentar-se das pedras do próprio muro, escreveu muito, defendeu a fundação de uma universidade no Maranhão, fundou jornais, travou polêmicas, exerceu atividades públicas, idealizou a bandeira do Maranhão, lutou pelo voto das mulheres, foi muitas vezes exaltado como gênio e outras vezes tratado como um lunático que andava mal trajado por nossas ruas e becos apontando para os céus, recitando seus versos e tentando dar o melhor acabamento para sua obra maior.

Em 1902, quando as letras brasileiras recebiam alguns sopros de renovação e quando eram publicados importantes livros, como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e *Canaã*, de Graça Aranha, dando origem ao que se convencionou chamar de Pré-Modernismo, o poeta calou sua voz, quedou seus passos e passou a fazer parte da eternidade.

Mas tal e qual havia previsto, seus escritos só viriam a ser reconhecidos muitos anos após sua morte. Logo após a Semana de Arte Moderna, o poeta Oswald de Andrade reconheceu o pioneirismo do vate maranhense. Anos depois, já na segunda metade da década de 1950, os professores, poetas e pesquisadores Haroldo e Augusto de Campos trazem à luz a famosa *Re-Visão de Sousândrade*, uma

alentada pesquisa que despertou o interesse de muitos outros pesquisadores pela vida e pela obra do poeta maranhense.

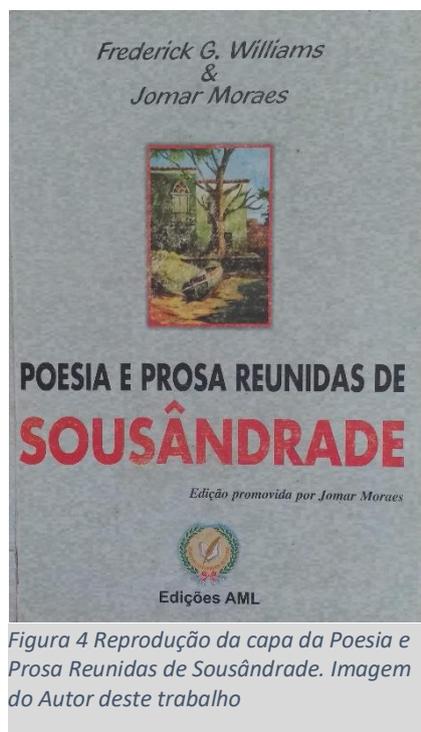


Figura 4 Reprodução da capa da *Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade*. Imagem do Autor deste trabalho

Anos depois desse resgate feito pelos irmãos Campos, o professor e crítico literário Frederick G. Williams, no início da década de 1970, concentrado em seus estudos doutorais, atentou para a importância de Sousândrade para a formação canônica da literatura latino-americana e, em busca de mais dados para suas pesquisas, chegou à terra do autor de *O Guesa* e travou contato com Jomar Moraes e dessa parceria surgiram muitos estudos sobre a vida e a obra de Sousândrade e, mais recentemente, em 2002, essa mesma dupla trouxe à luz, em luxuosa

edição fac-similar, o livro *Poesia e Prosa Reunida de Sousândrade*.

Nas últimas cinco décadas, a fortuna crítica a respeito desse genial poeta vem crescendo e ganhando dimensões antes inimagináveis. No final da década de 1970, a professora Luiza Lobo publicou seu livro *Tradição e Ruptura: O Guesa de Sousândrade*, jogando novas luzes sobre a obra-prima do poeta maranhense. Em diversos momentos de sua carreira, essa professora e crítica literária se debruçou sobre os versos de Sousândrade, lendo-os com grande acuidade e desenvoltura, tanto que em 1986 trouxe a público *A Épica Moderna de Sousândrade* e mais adiante, tanto em seu livro *Crítica sem Juízo* (de 1993), quanto em outros trabalhos sempre retorna à leitura sobre nosso importante escritor.

Outro estudioso que se dedicou e se dedica a elucidar as entranhas da poesia soudrandina é o professor Sebastião Moreira Duarte, que decidiu, em sua tese de doutorado, fazer uma comparação entre *O Guesa* e *O Canto Geral*, de Pablo

Neruda, além de publicar pelo menos dois outros trabalhos com estudos sobre obra do autor de *Harpa de Ouro*, publicando, em 1990 o livro *O Périplo e o Porto*, cujo estudo foi retomado em 2002 no volume *A Épica e a Época de Sousândrade*, livros essenciais para quem começa a estudar a obra de Sousândrade

O poeta e crítico literário maranhense Clóvis Ramos também deixou sua contribuição ao publicar um ensaio seguido de uma breve antologia no qual os principais pontos da obra e do estilo sousandrino são esmiuçados. Importante e elucidativo também é o breve discurso proferido pelo professor Ángel Núñez e que foi transformado em livro pela Universidade Federal do Maranhão em 1982, sob o título de *O Guesa de Sousândrade, poema épico latino-americano*. Nesse livro-discurso, o leitor tem, de modo sintético, porém profundo toda uma visão sobre a bases estrutural de *O Guesa*.

Sousândrade também foi um dos escritores homenageados pela Editora Agir, que, durante anos publicou a coleção *Nossos Clássicos*, que constava de dados biobibliográficos, de um estudo crítico e de uma bem selecionada antologia com os mais significativos textos dos principais escritores da língua portuguesa. O número 85 da referida coleção foi dedicado ao ilustre poeta maranhense e contou com a organização, seleção de textos, cronologia e estudo introdutório assinados pelos poetas e professores Haroldo e Augusto de campos.

Mais recentemente, a professora Ana Santana Sousa publicou o livro *A Nação Guesa de Sousândrade: uma narrativa de Viagem*, oriunda de sua tese de doutorado e que traz uma leitura singular do livro que deu origem ao trabalho. Como *O Guesa* é uma obra que permite leituras sob diversos prismas e ângulos, o professor e poeta Josoaldo Lima Rêgo escreveu e publicou um interessante ensaio *Cosmovisão e Modernidade: Sousândrade e a formação do campo visual em O Guesa*, no qual parte dos conhecimentos das mitologias, da historiografia e da

geografia humana para demonstrar com o espaço físico e as diversas paisagens latino-americanas ganham importância na leitura crítica do poema e revelam o olhar do poeta sobre as Américas e outras partes do mundo.

Claro que há inúmeros outros trabalhos sobre o poeta e que seria impossível citá-los aqui. Cabendo a quem se interessar sobre o assunto buscar outras fontes e outros estudos. E o que dizer sobre *O Guesa*?



Figura 5 O ator Uimar Júnior revivendo o busto de Sousândrade em performance durante o evento. Imagem do autor do trabalho

O professor Ángel Núñez considera esse poema “um texto surpreendente e inovador, sem dúvida verdadeiramente revolucionário para a época” (NÚÑEZ, 1982, p. 07). A professora Luiza Lobo acrescenta que “a metáfora inicial é, no *Guesa*, como em Homero, o périplo, mas ele se desloca da América do Sul para a do Norte, e dos índios à democracia norte-americana, numa temática cada vez mais ligada à política da história moderna, sempre acompanhando a autobiografia do autor (LOBO, 2007, 236). Sobre esse pacto autobiográfico, como diria Phillippe

Lejeune, existente nos versos do poema, o crítico Sebastião Moreira Duarte comenta que após entrar em contato com o mito/lenda, e “tendo encontrado essa estrutura arquetípica nas bases antropológicas mais antigas da América pré-colombiana” o poeta maranhense logo percebeu que o mito “carecia de história”, então Sousândrade “emprestou-lhe ele mesmo as vicissitudes de sua Biografia” (DUARTE, 1990, p 17; DUARTE, 2002, p. 25). Os irmãos Haroldo e Augusto de Campos (1995, p. 21) comentam que se trata “de uma narrativa que não tem desenvolvimento lógico-linear, mas que evolui, por assim dizer, no plano da memória, tendo como esquema geral a lenda indígena do ‘Guesa Errante’”.

Jomar Moraes e Frederick G. Williams (2003) consideram *O Guesa* como sendo o mais ambicioso e o mais caro projeto literário desenvolvido por Sousândrade em sua vida. Em verdade ele investiu cerca de meio século na elaboração dos treze cantos do poema, e mesmo assim deixou três deles incompletos (o sétimo, o décimo segundo e o décimo terceiro). De modo geral, *O Guesa* pode ser sintetizado como sendo “um poema épico com uma visão transamericana atípica: o personagem principal, o "guesa" - sem-lar ou errante -, extraído da mitologia dos antigos muíscas, índios colombianos, era um menino sacrificado em homenagem a Bochica, o deus do Sol”, conforme declarou Augusto de Campos em entrevista concedida ao Jornal o Estado de São Paulo, em 2009. Porém essa narrativa épica vai muito além das aparentes facilidades de uma síntese do enredo, pois, conforme escreveu a professora Luiza Lobo (2012, p. 19), “O Guesa inscreve-se no projeto de uma nova épica, cristã e romântica, que queria ser universal, interlinguística e intertextual”, “a figura do Guesa é a de um anti-herói brasileiro e hispano-americano, sincretizado como o modelo do anti-herói romântico que, como eterno exilado, viaja pelo mundo, num incessante périplo em busca de sua identidade” (LOBO, 2012, p. 20).

Como se trata aqui de um breve passeio pela épica de Sousândrade, encerramos aqui com as estrofes iniciais do poema, esperando que elas sirvam como passaporte para que cada um de vocês possam fazer a própria viagem, encontrar-se ou perder-se na companhia do Guesa.

“Eia, imaginação divina!
Os Andes
Vulcânicos elevam cumes calvos,
Circundados de gelos, mudos, alvos,
Nuvens flutuando – que espetac’los grandes!
Lá onde o ponto do condor negreja,
Cintilando no espaço como brilhos
D’olhos, e cai a prumo sobre os filhos
Do lhama descuidado; onde deserto,

O azul sertão, formoso e deslumbrante,
Arde do sol o incêndio, delirante
Coração vivo em céu profundo aberto! (SOUSÂNDRADE, 2012, p. 51)

Com esses versos iniciais do grande poema, encerro minha fala, agradeço à presença de todos e espero que essas palavras sirvam de estímulo para novos estudos sobre nosso iluminado poeta.

Muito Obrigado!

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores)
- CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo (orgs.) **Sousândrade**. 3 ed. rev. Rio de Janeiro: Agir, 1985.
- DUARTE, Sebastião Moreira. **A épica e a época de Sousândrade**. São Luís: AML, 2002.
- DUARTE, Sebastião Moreira. **O périplo e o porto**. São Luís: EdUfma, 1990.
- LOBO, Luíza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Garamond. 2007.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira – Romantismo**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1989.
- MOISÉS, Massaud (org.) **Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira**. 7 ed. atual. São Paulo: Cultrix, 2008.
- NÚÑEZ, Ángel. **O Guesa de Sousândrade, poema épico latino-americano**. São Luís: Edições Ufma, 2002.

RAMOS, Clóvis. **O poeta Sousândrade: Cristal dos Andes, o gênio Imorredouro do Guesa**. São Luís: Fundação Sousândrade, s/d.

RÊGO, Josoaldo Lima. **Cosmovisão e modernidade: Sousândrade e a formação do campo visual em O Guesa**. São Luís: EdFunc, 2008.

SANTOS, Rubens Pereira dos. **Poetas românticos brasileiros**. São Paulo: Scipione, 1993

SOUSANDRADE, Joaquim de. **O Guesa**. Rio de Janeiro/São Luís: Ponteio/AML, 2012.

SOUZA, Ana Santana. **A Nação Guesa: uma narrativa em viagem**. São Luís: AML/EdUema/Fsadu, 2008.

WILLIAMS, Frederick G.; MORAES, Jomar (Orgs.) **Poesia e prosa reunidas de Sousândrade**. São Luís: AML, 2003.